

# A composição gráfica dos impressos informacionais em Sergipe Imperial

*Germana Gonçalves de Araujo<sup>1</sup>*

*Jeane de Santana<sup>2</sup>*

*Vicent Bernardo Alves Santos<sup>3</sup>*

## *Resumo*

o estudo dos impressos informacionais de uma localidade é um caminho para se ter conhecimento sobre o modo de produção técnico-artístico utilizado para a construção da comunicação e da expressão literária em um contexto sociocultural, no caso aqui em Sergipe Imperial. Para o desenvolvimento deste texto, além da pesquisa bibliográfica acerca da história da tipografia no Brasil, da educação e da imprensa sergipana do século XIX, realizou-se pesquisa documental em acervos físicos (arquivos públicos e particulares) e na hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Os periódicos encontrados foram catalogados e submetidos à análise, com intuito de descortinar aspectos gráficos compositivos que revelem o modo de produção de periódicos que continham a informação impressa em Sergipe na época.

Palavras-chave: Composição Gráfica, Periódicos, Sergipe Imperial.

- 1 Professora doutora efetiva do Curso de Design da Universidade Federal de Sergipe e líder do Grupo de pesquisa Design e Cultura - UFS/CNPq
- 2 Designer e pesquisadora voluntária do Grupo de pesquisa Design e Cultura UFS/CNPq
- 3 Aluno do Curso de Graduação em Design UFS e bolsista do Grupo de pesquisa Design e Cultura UFS/CNPq.



## The graphic composition of informational printouts in Sergipe Imperial

## La composición gráfica de las impresiones informativas en Sergipe Imperial

103



### *Abstract*

the study of informational printed materials in a locality is a way to gain knowledge about the technical-artistic production method, used for the construction of communication and literary expression in a socio-cultural context, in this case here in Sergipe Imperial. For the development of this text, in addition to bibliographic research on the history of typography in Brazil, education and the Sergipe press of the 19th century, it was necessary to conduct documentary research in physical collections (public and private archives) and in the digital library of the National Library Foundation. The journals found were cataloged and submitted to analysis, in order to reveal compositional graphic aspects that reveal the way of producing journals that contained the information printed in Sergipe at the time.

*Keywords: Graphic Composition, Periodicals, Sergipe Imperial.*

### *Resumen*

El estudio de materiales impresos informativos en una localidad es una forma de obtener conocimiento sobre el método de producción técnico-artístico, utilizado para la construcción de la comunicación y la expresión literaria en un contexto sociocultural, en este caso aquí en Sergipe Imperial. Para el desarrollo de este texto, además de la investigación bibliográfica sobre la historia de la tipografía en Brasil, la educación y la prensa Sergipe del siglo XIX, fue necesario realizar una investigación documental en colecciones físicas (archivos públicos y privados) y en la biblioteca digital de la National Library Foundation. . Las revistas encontradas fueron catalogadas y sometidas a análisis, a fin de revelar aspectos gráficos de composición que revelan la forma de producir revistas que contenían la información impresa en Sergipe en ese momento.

*Palabras clave: Composición gráfica, Publicaciones, Sergipe Imperial.*

## Introdução

A história gráfica do Brasil é, comumente, contada a partir de 1808, ano em que a família Real desembarca em terras brasileiras e traz consigo equipamentos gráficos necessários para a implantação da Imprensa Régia – a primeira gráfica oficial do país. A partir dessa data, os prelos<sup>4</sup> oficiais, responsáveis pelos impressos de despachos publicados pela corte, passaram a circular na capital da província, no Rio de Janeiro/RJ. Contudo, é em 1811 que surge, na Bahia, a primeira publicação oficial de iniciativa privada, o jornal “A Idade d’Ouro do Brazil”, além disso, em 1815 a imprensa também era dinâmica em Pernambuco. Infelizmente, o que a história oficial não declara são as publicações impressas em regiões fora do centro econômico, tais como as de Sergipe.

Dar-se relevo que a instalação dessa imprensa Imperial no Brasil foi demasiadamente tardia em relação ao que aconteceu na Europa desde o maquinário inventado pelo alemão Gutenberg (1400-1448). Segundo as pesquisadoras Ana Luíza Martins e Tania Regina de Luca, na obra “Imprensa e cidade” (2006), vários são os motivos que podem elucidar acerca desse atraso e apontam para dois aspectos:

A mais flagrante está no caráter severo e censurador da admiração portuguesa, a quem não convinha levar o esclarecimento da palavra impressa à população de territórios que se prestavam apenas à exploração comercial. Outro enteva vinha da forte presença da Igreja Católica, parceira do Estado no projeto colonial, não lhe interessando divulgar outro meio de comunicação do conhecimento que não aquele da catequese, controlador de mentes. (MARTINS; LUCA, 2006, p. 16).

Um território ávido a produção de impressos informacionais, é sabido que, a partir da primeira metade do século XIX, e assim que a Corte desbloqueou a comunicação impressa no país, um número significativo de casas impressoras instalaram-se em várias partes do território brasileiro, tornando realidade à circulação de jornais e peças comerciais (impressos efêmeros). Releva-se que foi um período marcado por censura extrema, e só se conseguia montar uma oficina de impressão aqueles que obedeciam às exigências legais<sup>5</sup> e, somente assim, a imprensa passou a ser uma atividade oficial nas províncias. Como explicitam as pesquisadoras supracitadas, sobre o efeito da comunicação impressa no Brasil, “mais que uma mudança física, de pessoas e objetos, tinha início – com forte intermedia-

4 Maquinário de impressão gráfica, típico no Brasil no século XIX, oriundo da invenção do alemão Johannes Gutenberg (1400-1468), no qual os tipos móveis de chumbo eram entintados para efetuar o registro no papel.

5 Em 6/24/1808 a administração da Imprensa Régia formou uma junta para “examinar os papéis e livros que mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes” (RIZZINI, 1988, p. 31).



ção da imprensa – a transformação que quatorze anos depois levaria a Colônia à sua Independência.” (MARTINS; LUCA, 2006, p. 18).

O pesquisador Carlos Rizzini (1898-1972) desenvolve que a partir de 1821, quando a corte excluiu a medida de censura prévia, proliferou-se a criação de jornais em oficinas impressoras por todo país (RIZZINI, 1988, p. 331). A notícia política estampada em jornais ou na publicidade dos rótulos aplicados em embalagens de produtos passaram a configurar tipologias de impressos nesse país. Os estados da Bahia e Pernambuco, devido ao esforço de pesquisadores locais, já ocupam lugar de destaque na historiografia gráfica do Brasil. Desses dois estados partiram várias oficinas gráficas para outros próximos, incluindo Sergipe. Porém, conteúdos sobre a produção de impressos sergipanos (século XIX) ainda precisam ser inventariados, até para melhor compreender a relação que a província mantinha com a vizinhança com intuito de prover sua comunicação.

Pensa-se que, mesmo sendo o menor estado da federação, Sergipe tem relevância na historiografia da produção gráfica do Brasil. O estado, ainda no século XIX, se tornou a oitava província a criar uma Imprensa Oficial, como é explicitado no site do Diário Oficial de Sergipe:

Partindo da necessidade de se publicar os atos oficiais do governo do Estado em jornal próprio, a Imprensa Oficial finalmente é criada em 1895. A 8ª província brasileira a possuir um jornal impresso, foi o 9º estado a ter o Diário Oficial, propondo em seu primeiro exemplar ser uma manifestação “isenta de interesses particulares, a serviço do Estado e para o bem do povo.” (SEGRASE, 2019, n.p.).

Releva-se que sobre a história da imprensa imperial em Sergipe pode-se encontrar um número significativo de autores sergipanos comprometidos com a memória e o discurso de alguns jornais e revistas. Conta-se, também, com a produção significativa de pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, tal como o Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, e com textos indispensáveis da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Entretanto, compreende-se que o estudo acerca da composição gráfica dos impressos produzidos no Sergipe Imperial é também uma tarefa de pesquisadores inseridos nos campos do Design Editorial, Design de Jornais e História da Tipografia – um caminho para se observar as características técnicas da informação impressa relacionando-as a aspectos econômicos, sociais e culturais do estado no dado período.

Salienta-se que o estudo dos impressos no Brasil geralmente valoriza o uso da imprensa com ênfase nos conteúdos jornalísticos. Para o estudo aqui presente, uma proposta do campo do Design Gráfico, releva-se a construção do passado dos impressos jornalísticos considerando as atividades culturais e as possibilidades técnicas exercidas em Sergipe – uma



atividade que, antes da formação do profissional das artes aplicadas ou do profissional em Design no Brasil, era exercida por artistas gráficos, tipográficos e impressores. Nessa perspectiva, corrobora-se com o pensamento de Rafael Cardoso, pesquisador em História da Arte e Design:

A tendência a supervalorização a memória do discurso como sendo, muitas vezes, escamoteando os aspectos ligados ao fazer e à técnica, talvez seja legado ainda ao bacharelismo, tão marcante em nossa tradição intelectual. Em nível profundo, pode ser que reflita também o menosprezo que a sociedade brasileira sempre reservou para os que sujaram as mãos com o trabalho. (CARDOSO, 2009, p. 9).

Cardoso ainda nos lembra de que – mesmo considerando que na atualidade existam algumas publicações que renovam a história gráfica do Brasil, referindo-se as obras que passam a destacar aspectos da relação entre artistas com conteúdo e não somente o discurso contido nelas – os “[...] estudos voltados para a cultura visual e material” dos impressos brasileiros ainda são escassos (CARDOSO, 2009, p. 9).

Nesse sentido, pensa-se que essa pesquisa é parte da construção do inventário dos impressos produzidos em Sergipe Imperial – considerando um determinado recorte de tempo e espaço – com o intuito de conhecer os aspectos técnicos dessa produção e revisar a noção de cultura local por intermédio da memória gráfica de impressos informacionais. É certo que já se publicou mais sobre a história gráfica do Brasil nos últimos 20 anos, século XXI, do que foi feito até o final do século XX. Entretanto, é considerável reforçar que a maior parte dessa produção literária é resultado das pesquisas de autores situados em regiões centrais do país e, talvez por isso, não apresentam conteúdos significativos sobre os territórios fora do centro, como, por exemplo, sobre Sergipe.

O caminho traçado para o desenvolvimento desse estudo foi realizar pesquisas em bibliografia específica e em documentos<sup>6</sup>. Para o registro de dados utilizaram-se recursos de captura de imagens (fotografia) para as peças gráficas e objetos. Com foco na compreensão da produção gráfica das peças registradas foi necessário se debruçar na literatura acerca da história da imprensa brasileira oitocentista; história da tipografia; história da economia; história da educação e da imprensa em Sergipe; demarcando as especificidades dos materiais e processos, assim como os aspectos

6 Como os acervos das instituições, principalmente as públicas, estavam em condições precárias para a realização de consultas, outros lugares não puderam ser consultados porque o acervo tinha sido removido para catalogação, a busca pelo acervo pessoal de colecionadores, editores e autores foi mais intensa do que se pensava.

dos profissionais envolvidos. Por fim, cada peça foi digitalmente tratada<sup>7</sup> e graficamente analisada como linguagem visual, mas também como resultado tecnológico.

### *Contextualização da produção de impressos oitocentistas em Sergipe*

Logo após a instalação tardia da Impressão Régia, a Corte permite a instalação de oficinas impressoras no Brasil colônia. Como está explicitado na obra “Momentos do Livro no Brasil” (1998), “era através dos jornais que a luta política e a crítica literária se expressavam e muitas vezes se misturavam em calorosas polêmicas. Os conflitos giravam em torno dos destinos da República.” (MOMENTOS DO LIVRO NO BRASIL, 1998, p. 13). A produção de periódicos no Brasil durante o século XIX foi bastante intensa, denunciando um território repleto de conflitos. Releva-se que na primeira metade do século, os impressos informacionais configurados em periódicos, a maioria com breve circulação, contava com um jornalismo inflamado das campanhas liberárias; “Uma imprensa que nascia nacionalista e antilusitana.” (LUSTOSA apud. MARTINS; LUCA, 2006, p. 21).

Em Sergipe, diferentemente de como acontece em outras províncias, foi instalada a primeira oficina tipográfica<sup>8</sup> por uma iniciativa privada do Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira (1795-1862). Segundo consta em discurso do Sebrão Sobrinho (1898-1973), conferido em 1947, no evento de comemoração de aniversário da Academia da Imprensa Sergipana, Monsenhor Silveira era um homem sagaz, ambicioso, inteligente, e “[...] certo que a imprensa era a trombeta da fama, a escada de Jacob para a cúpula do poder [...] o maior movimento da civilização.” (SEBRÃO, 1947, p. 25). Em momento profícuo – “o nível cultural alcançado pela localidade, já em 1832, justificava o aparecimento do jornal, que publicava pronunciamentos oficiais, transcrições de jornais da corte, cartas de leitores, [...] efemérides, pensamentos, anedotas, entre outras coisas.”<sup>9</sup> – e considerando que a história dos impressos está seguramente conjugada ao desenvolvimento capitalista de uma sociedade, “[...] ou seja, tal veículo informativo está diretamente ligado a ascensão da burguesia como grupo



- 7 As peças gráficas se encontram, na maioria, em estado físico com bastante avarias. Por isso, para que a apresentação da peça tivesse uma aparência menos sofrida, foi utilizado de software gráfico e edição de imagem para retirada de riscos, rasgos, mofo ou qualquer outro ruído da imagem causado por causa de um desgaste do tempo ou mal-uso da peça.
- 8 A primeira tipografia chamava-se “Typographia Patriota”, mas logo passou a ser chamada de “Typographia Constitucional”, em homenagem a sua naturalidade, a Vila Constitucional de Estância.
- 9 BRASIL, Bruno. Recopilador Sergipano & Noticiador Sergipense. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/recopilador-sergipano-noticiador-sergipense/>. Acessado em: 12 dez. 2019.

social detentor de poder econômico” (PINTO, 2018, p. 13), a imprensa é instalada em Sergipe<sup>10</sup>.

O jornalista e pesquisador sergipano Gilfrancisco desenvolve sobre a chegada da imprensa oficialmente em Sergipe:

[...] compondo o grupo da imprensa panfletária, caracterizada por jornais de pequeno porte e curta duração que proliferaram ao longo do século XIX. Estas publicações refletiam as lutas de âmbito político e questões de ordem social tais como o enfraquecimento da Monarquia, a abolição da escravidão e a Proclamação da República. Um bom exemplo dessa imprensa panfletária foi o *Recopilador Sergipano*, que inicia a imprensa no estado de Sergipe em 3 de setembro de 1832. (SANTOS, s.d, n.p).

O “*Recopilador Sergipano*” (1832-1834), um jornal tipo panfleto com formato menor que um tabloide<sup>11</sup> – contendo quatro páginas com 15 X 25 cm e leiaute com duas colunas –, foi iniciativa de Monsenhor Silveira, na Vila Constitucional da Estância, atual município de Estância/SE. Ele passou a ser um nome conhecido quando, em 1822, integrou-se na luta política pela manutenção da autonomia de Sergipe e pela independência do Brasil. O dito primeiro jornal sergipano era editado as terças-feiras e aos sábados e suas notícias eram de cunho político, inclinado para os movimentos republicanos contrários a restauração da monarquia. Nesse mesmo jornal, que também circulava em outros centros de relevância econômica da província, como Maruim e Laranjeiras, apresentava-se como rótulo a frase do primeiro Presidente dos Estados Unidos da América George Washington (1732-1799): “Sede justos se quereis ser livre, sede unidos se quereis ser forte.” (NUNES, 1984, p. 52).

Ao mencionar a chegada da imprensa na província, a historiadora sergipana Thetis Nunes salienta que Sergipe dependia, no campo econômico, do comércio da Bahia – comerciantes do porto baiano para a importação e exportação de produtos. Essa dependência também acontecia no âmbito da informação e “a divulgação dos fatos econômicos e políticos sergipanos se fazia através dos jornais baianos”, tais como o “*Idade D’Ouro*” (1811-1823), o “*Grito da Razão*” e o “*Independente Constitucional*.” (NUNES, 1984, p. 51).

10 Devido à sua posição geográfica privilegiada, a Vila Constitucional da Estância teve seu comércio e agricultura favorecida e iniciou seu processo de destaque econômico em relação às localidades vizinhas. Esse momento foi indispensável para despertar um interesse político na população local, o que consolidou Estância como um centro político e econômico na província. Acredita-se, também, que em decorrência desses acontecimentos “O *Recopilador Sergipano*” foi fundado pelo Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira, seguido por mais 38 jornais no período compreendido entre 1832 e 1918. (SANTANA, 2017, p. 38-39).

11 O termo **tabloide** designa um formato de jornal que surgiu em meados do século XX. A página mede aproximadamente 43 x 28 cm, menos do que o formato tradicional *Standard*.





Salienta-se, também, que em 1831, como desenvolve Josevanda Mendonça Franco, historiadora sergipana, ainda estudavam-se quais medidas eram necessárias para ampliar a oferta do ensino público, primário e secundário em Sergipe imperial (FRANCO, 2015, p. 37-42). Segundo essa pesquisadora existiam, basicamente, problemas de duas ordens: estrutura física inexistente ou precária e falta de professores qualificados para assumir as cadeiras do ensino secundário. Franco explicita que em 1834 “a crônica insuficiência de professores torna qualquer ação em favor da Instrução Pública inócua. Até mesmo as escolas particulares funcionavam com professores improvisados e não qualificados para o exercício da função.” (FRANCO, 2015, p. 39). A questão acerca da instalação do ensino público em Sergipe se faz relevante para essa pesquisa já que se acredita em um crescimento da indústria gráfica associado à formação de um público alfabetizado, conseqüentemente leitor e consumidor.

Revela-se a partir da escrita de Thetis Nunes, que em 1831 foram criadas cadeiras “[...] públicas para o sexo feminino [...]”, tanto na Capital São Cristóvão, como nos municípios de Estância, Laranjeiras e Propriá: “Só nesta época o governo provincial evocava a responsabilidade de ministrar as Primeiras Letras à mulher sergipana” (NUNES, 1984, p. 47). Apesar do ensino se estender à educação de mulheres, algumas disciplinas eram dadas apenas aos homens, como é o caso de Geometria que para elas era substituída por aulas de bordados (LIMA, 2007, p. 19). Isso nos coloca diante do fato de que as mulheres em Sergipe não eram as leitoras potenciais dos impressos informacionais no período imperial, já que o analfabetismo é um fator mais grave entre elas do que entre os homens. Além disso, o conteúdo direcionado à política, muitas vezes com textos inflamados e vocabulário chulo, não era considerado apropriado para o conhecimento das moças naquela época.

Outro dado relevante levantado por Thetis Nunes é que dentre os esforços do Presidente da Província Manuel Clemente Cavalcante de Albuquerque (período de exercício de 15/03/1825 a 2/11/1826) tem a ação pioneira de implementar o ensino profissional em Sergipe, o Trem Militar, com oficinas inclusive de “letreiros” (NUNES, 1984, p. 45); o que pode se compreender na formação técnica de um “abridor de letras” ou um tipógrafo. Ou seja, alguns anos anteriores da literatura explicitar a aquisição do equipamento de impressão por Monsenhor Silveira, já existia em Sergipe a preparação profissional para o trabalho nas oficinas de impressão. É sabido que os letreiros não necessariamente eram pessoas alfabetizadas ou letradas, mas, sim, copistas, assim como aqueles que tinham a função de copiar textos manualmente, antes da imprensa.

Eleito membro do Conselho Geral da Província, Monsenhor Silveira realizou, em primeira instância, um contrato com o governo para a impressão do “Atos do Conselho Geral” no “Recopilador Sergipano”. Mais

tarde, fundou um periódico para esse fim, o “Diário do Conselho”. Em 1835, deixando para trás a Vila Constitucional de Estância, ele leva a Typographia Silveira para a capital São Cristóvão. Em 1838, vende a tipografia para o governo da província, que se torna uma casa de impressão oficial, a “Typographia Provincial”, por Lei n. 4 de 7 de março de 1838. Além de se ocupar com a impressão dos “Atos Oficiais”, a tipografia oficial também imprimia composições particulares, como é explicitado no Art. 10 desta Lei: “Nesta Tipografia poderá ser admitida a impressão de algum Periódico particular, ou a de outro qualquer objeto, sem estorvo das impressões da Casa, mediante o devido pagamento da sua impressão”. O “Diário do Conselho” se transforma em “Noticiador Sergipense”, e em 1838, decorrente da aquisição, o governo produz o periódico “Correio Sergipense”, que se tornou o jornal porta voz da província.

Figura 1: Da esquerda para direita, seguindo ordem cronológica de produção: “Recopilador Sergipano” (1832-1834); “Noticiador Sergipense” (1838); “O Correio Sergipense” (1840-1866).



Fonte: Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/recopilador\\_sergipano/anuario\\_recopilador.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/recopilador_sergipano/anuario_recopilador.htm); <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=711136>; [http://memoria.bn.br/pdf/812544/per812544\\_1840\\_00219.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/812544/per812544_1840_00219.pdf)

Sebrão desenvolve que em 1837 já havia outra casa de impressão na capital, quando Monsenhor Silveira transfere a tipografia dele para lá. Era a “Typographia Social”, comandada pelo advogado Joaquim José Peixoto. Nela produzia-se o jornal “Sergipano Constitucional”, um impresso do partido Camodongo<sup>12</sup> (SEBRÃO, 1947, p. 31).

Mantendo-se com dificuldades econômicas, em 1847 a Typographia Provincial ainda se encontrava em boa situação técnica e, por isso, teve a autorização para a compra, no Rio de Janeiro, de novos tipos, “[...] pois

12 Nome dado ao Partido Liberal “[...] que congregava uma “elite menor”, a dos senhores de gado.” (PINTO, 2018, p. 40).

os atuais encontravam-se todos estragados e desejava comprar um outro sortimento de diversos caracteres, vinhetas e linhas.” (SANTOS, s.d, n.p). Dez anos depois, com o intuito de alargar as potencialidades do impresso, necessárias para a sobrevivência do jornal “Correio Sergipense”<sup>15</sup>, o Presidente da província Sá e Benevides (1833-1901) solicita “[...] autorização à Assembleia Provincial para contratar operários com as habilitações especiais, em Pernambuco ou na Bahia, para evitar paralisações dos trabalhos por indisposição dos compositores.” (SANTOS, s.d, n.p).

Também neste ano, em 1847, depois de enfrentar longo período de crise econômica que afeta diretamente o empenho da província na instalação do ensino público, Sergipe ascende à economia e, por intermédio da Lei de 31 de julho de 1847, tem autorizado o funcionamento do Liceu de São Cristóvão<sup>14</sup>, que passa a oferecer aulas nas salas do Convento do Carmo<sup>15</sup>. Entretanto, neste período ainda havia “[...] uma oferta grande no âmbito do ensino particular.” (LIMA, 2007, p. 64), principalmente para as moças. E foi nos jornais da província – a exemplo do “O Recopilador Sergipano” e do “Correio Sergipense” – que os anúncios publicitários de professores ofertando aulas tornou-se costumeiro (LIMA, 2007, p. 65). Delimitando um período com otimismo, Franco desenvolve que

A partir de 1850, concomitantemente ao crescimento econômico e populacional [na década de 40 do século XIX, a população sergipana cresce 27% principalmente nos centros urbano], a vida cultural demonstrou aspectos de uma evolução positiva, evidenciada no número de jornais que circulavam, na melhoria das comunicações e, sobretudo, na ampliação da procura por cursos, tanto das Cadeiras de Primeiras Letras, quanto do ensino para os Exames preparatórios. (FRANCO, 2015, 41-42).

A partir dos anos de 1852 declina o quantitativo de escravos em Sergipe, efeito produzido pela lei Euzébio de Queiroz que aboliu o tráfico de negros no Brasil. Apesar de ainda manter com a província da Bahia dependência comercial, a vida cultural sergipana segue em progresso. Passam a circular, no período de 1840 a 1850, outros periódicos além do impresso porta voz do governo “O Correio Sergipense”, tais como os jornais de La-

13 Neste período o jornal também passou a atender demandas da sociedade: “Publicar artigos de fundo e quaisquer correspondências de interesse público ou particular, que não contenham virulência, e ofensas a moral, bons costumes e o mais leve ataque a vida privada e ao pensamento da Guerra” (Capítulo I do Regulamento nº11, 1856).

14 Eva Maria Siqueira Alves esclarece que “(...) o Liceu Sergipense não funcionou satisfatoriamente, como almejavam o Diretor e o corpo docente, cômicos de seus deveres” (ALVES, 2005, p. 23-24). Os documentos que a pesquisadora examinou davam conta das práticas cotidianas daquele Liceu.

15 “[...] O currículo era constituído pelas cadeiras de Gramática Latina, Aritmética, Geometria, Trigonometria, Filosofia Racional e Moral, Retórica e Poética, Geografia e História.” (FRANCO, 2015, p. 41).



ranjeiras: “O Monarquista Constitucional”, “O Pedro II”, “O Triunfo” e “O Telégrafo” (NUNES, 1984, p. 68).

Releva-se que desde 1830 artistas litógrafos estrangeiros, na maioria europeus, migraram para o Brasil e, em oficinas próprias, passaram a exercer a atividade de impressores e mestres. A chegada desses artistas, que portavam ferramentas e maquinário, foi importante tanto para a formação de profissionais locais quanto para o comércio de instrumentos necessários para a atividade nas oficinas impressoras em todo o Brasil.

A partir da segunda metade do século XIX, o Brasil passa a apresentar um avanço no desenvolvimento urbano das cidades devido ao aumento e aprimoramento da produção local, principalmente em se tratando da produção e consumo de alimentos. Nesse momento, a história gráfica brasileira passa por mudanças significativas e a impressão de peças efêmeras torna-se constante. Em Sergipe, por consequência da relação econômica com as províncias da Bahia e Pernambuco, a impressão de peças efêmeras não aconteceu tão cedo.

A mudança da capital, de São Cristóvão para o povoado de Santo Antônio de Aracaju, em 17 de março de 1855, foi indispensável para o avanço econômico de Sergipe – “[...] era imprescindível do novo centro administrativo da Província em uma área dotada de boas condições para a instalação do porto (FRANCO, 2015, p. 43).”. Segundo Josevanda Franco

A vida intelectual adquire novos contornos, cuja produção cultural era possível se evidenciar nos periódicos locais. Os ideais do liberalismo contaminam a uma geração de jovens intelectuais que estavam incomodados com o velho modelo que remetia o Brasil aos distantes tempos coloniais. A leitura romântica estimulava uma onda de valorização dos elementos característicos da cultura local. (FRANCO, 2015, p. 43).

A partir dos anos de 1850 a agitação econômica e política em Sergipe favoreceu o surgimento de diversos jornais<sup>16</sup>; “[...] uns ligados aos partidos políticos, outros de feição noticiosa, literária ou humorística.” (NUNES, 1984, p. 86). O periódico do governo “O Correio Sergipense”, nessa época, também passou a publicar, além dos atos oficiais, textos de intelectuais de interesse público, tal como os versos de Tobias Barreto (1839-1889) e Pedro Calazans (1837-1874) (NUNES, 1984, p. 86). Fora os impressos periódicos, a metade do século XIX também foi um período importante para a produção literária em Sergipe. Sob a inspiração da vertente do Romantismo, aspectos da cultura sergipana “[...] passa a ser, se não o motivo e substância, pelo menos ponto de referência das produções literárias dos nossos escritores.” (LIMA apud. NUNES, 1984, p. 87).

16 Cf. DANTAS, Ibarê Costa. *Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.



Nessa época, Sergipe havia concentrado sua produção informacional em periódicos políticos, críticos e econômicos. Isso foi um efeito da condição em que a capitania se encontrava, tendo uma economia crescente graças aos avanços nos engenhos açucareiros locais e uma pequena liberdade comercial proporcionada após algumas revoluções políticas. Além disso, sendo uma região altamente rural, com pouco acesso à educação e pouco incentivo para cultura e arte, a produção e o consumo de impressos fora do eixo político-econômico eram quase inexistentes no século XIX.

Salienta-se que, em meados do século XIX, o acesso à educação ainda era algo escasso em Sergipe, tendo poucos cursos de Ler e Escrever espalhados pela Capital e povoações próximas, uma parte significativa dos professores atuavam em aulas particulares nas Casas-Grandes dos engenhos e fazendas, responsáveis pela educação dos filhos dos senhores de engenho. Por conta disso, faz-se fato que o consumo de impressos informacionais era algo voltado para um público pequeno de privilegiados, e isso foi um fator importante para a falta de desenvolvimento de impressos sob a perspectiva da composição técnico-artística na Sergipe Imperial. Quer dizer que sem ter a exigência de atender um público diverso, a produção gráfica dos impressos se mantém sem investimento.

Buscando compreender as mudanças e evoluções da produção gráfica associada à educação, corrobora-se ainda com o pesquisador Aníbal Bragança quando se refere ao período da segunda metade de século XIX no Brasil:

Na realidade, só na segunda metade do século XIX o Brasil começou a constituir um público comprador de livros – assim como, aliás, a consolidar a sua vida urbana e o consumo interno – que permitisse o desenvolvimento de uma indústria editorial e de uma sociedade de autores. (BRAGANÇA, 2016, p. 33).

Sobre esse período, na segunda metade do século XIX, a produção de periódicos era impressa em oficinas com máquinas manuais de tipos móveis de chumbo – sendo que em algumas já se utilizava máquinas com pedais para impulsionar o papel sobre os tipos entintados – e já envolvia profissionais na atividade técnica de impressão em Sergipe. Entretanto, sem ter uma escola de aprendizes, os profissionais envolvidos aprendiam a lidar com os processos com outros trabalhadores, oriundos das províncias vizinhas, tais como Bahia e Pernambuco. Nunes apresenta uma lista<sup>17</sup>

17 Mapa estatístico da população livre de Sergipe por Comarca. Distrito de Subdelegacias e Quarteirão. Ano 1854. APES – Estância: 10.623 agricultores; 940 negociadores; 836 carpinteiros; 744 pescadores; 570 vaqueiros; 452 alfaiates; 363 sapateiros; 217 empregados públicos; 216 criadores; 167 ferreiros; 161 náuticos; 157 caixeiros; 107 pedreiros; 99 ourives; 85 mestre de açúcar; 77 sacerdotes; 69 oleiros; 66 curtidores; 13 funileiro; 10 pintores; 464 de outras ocupações. (NUNES, 1984, p. 84).

da força de trabalho livre, profissões existentes em Sergipe um ano antes da mudança da Capital de São Cristóvão para Aracaju (NUNES, 1984, p. 84), ou seja, em 1854, na qual são explicitados 20 tipos de trabalhos, mas nenhum deles é de alguma atividade exercida em oficinas de impressão. Entretanto, no último item da lista consta que 464 pessoas estão envolvidas em “ocupações diversas”, dentre as quais, considerando a plural produção de impressos no período, devem estar os tipógrafos, impressores, paginador, encadernador etc. Com relação à formação técnica-profissional releva-se que somente em 1856 foi oficializado no Brasil o primeiro ensino profissionalizante no Rio de Janeiro com a criação do Liceu de Artes e Ofício, de onde saíram vários profissionais das artes aplicadas para atuarem nas oficinas de impressão país a fora.

Após compreender aspectos socioculturais de Sergipe Imperial foi desenvolvida a análise gráfica nos impressos informacionais catalogados, produzidos de 1832 a 1890. Salienta-se que apesar do acervo vasto, encontrado na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional ([bdigital.bn.gov.br/](http://bdigital.bn.gov.br/)), a visualização das peças está bastante prejudicada – a imagem tem legibilidade, mas não se consegue averiguar características técnicas de impressão, aspectos importantes para essa pesquisa – por causa da tecnologia utilizada para a digitalização das peças. Entretanto, para essa pesquisa, a catalogação desses periódicos foi de extrema importância para que se pudesse compreender a anatomia desse tipo de impresso produzido em Sergipe Imperial, ou seja: sob condições socioculturais e tecnológicas determinadas.

### *Visualidade impressa e técnicas gráficas: Leiaute e tipografia*

Aqui a visualidade é compreendida como evidência histórica. E para melhor compreender os processos de composição dos impressos informacionais da Sergipe Imperial foi necessário utilizar e se debruçar na análise dos constructos gráficos utilizados para configurar as peças, bastante usual no campo do Design. Nessa perspectiva, a análise gráfica foi realizada em duas partes: na primeira, o leiaute dos impressos foi redesenhado por esquemas gráficos com o propósito de revelar a estrutura na qual o conteúdo está organizado; posteriormente, buscou-se obter a compreensão morfológica das tipografias de chumbo e clichês tipográficos utilizados para compor a visualidade dos impressos catalogados.

Nessa perspectiva, os primeiros periódicos de Sergipe, como, por exemplo, o “Recopilador Sergipano” (1832-1834), podem ser compreendidos como instrumento de comunicação dita séria, que apresenta sobriedade e, por isso, eram, na maioria, sisudos e tipográficos – sem a utilização de desenhos ou vinhetas elaboradas. Neles, pode-se encontrar a

mesma estrutura gráfica, ou leiaute<sup>18</sup>: *grid*<sup>19</sup> composto de primeira página formado por campos de ocupação retangular na parte superior, enquadrando títulos e outras informações em destaque e, abaixo, a inserção de colunas de texto corrido (ver figura 2).

Diferentemente de como se pensa em configurar um texto em um livro, as colunas em um jornal tem a função de estruturar o texto de modo apropriado à leitura fácil, já que, mesmo que seja uma escrita “séria”, a linguagem deve ser inteligível para um amplo público em uma peça gráfica de curta vida útil – visto que o número de um exemplar de jornal é descartado por outro sucessivamente. As linhas horizontais e verticais<sup>20</sup> tem a função de delimitar os campos. Nesta época, se tinha a compreensão de que o espaço, numa página, deveria ser ocupado ao máximo e, por isso, a distância entre colunas, conhecida como medianiz ou calha, eram bastante estreitas. As chamadas zonas espaciais são campos que acomodam informações em destaque, podendo ser: subtítulos, preâmbulos, imagens etc. No cabeçalho são inseridos os marcadores, informações que se repetem para sinalizar ao leitor sobre o nome do periódico, local e data. O arabesco compõe o que chamamos de vinheta; um clichê tipográfico que é utilizado para decorar ou distinguir informações. A configuração gráfica dos três primeiros periódicos sergipanos, produzidos pelas casas de impressão comandadas pelo Monsenhor Silveira e, posteriormente, pelo governo da província, é análoga (ver figura 1).

A partir da segunda metade do século XIX, a produção intensa de jornais em Sergipe pode ser agrupada por tipologia de conteúdo<sup>21</sup>. De natureza política, cristã, literária ou a serviço da indústria e comércio, centenas de jornais passaram a circular. Com intuito de ilustrar o quão plural era esse tipo de produção em Sergipe, vale ressaltar a explanação de Luiz Antonio Barreto, em texto publicado em 2008 pelo Portal on-line da *Infonet* sobre a produção de jornais sergipanos do século XIX,



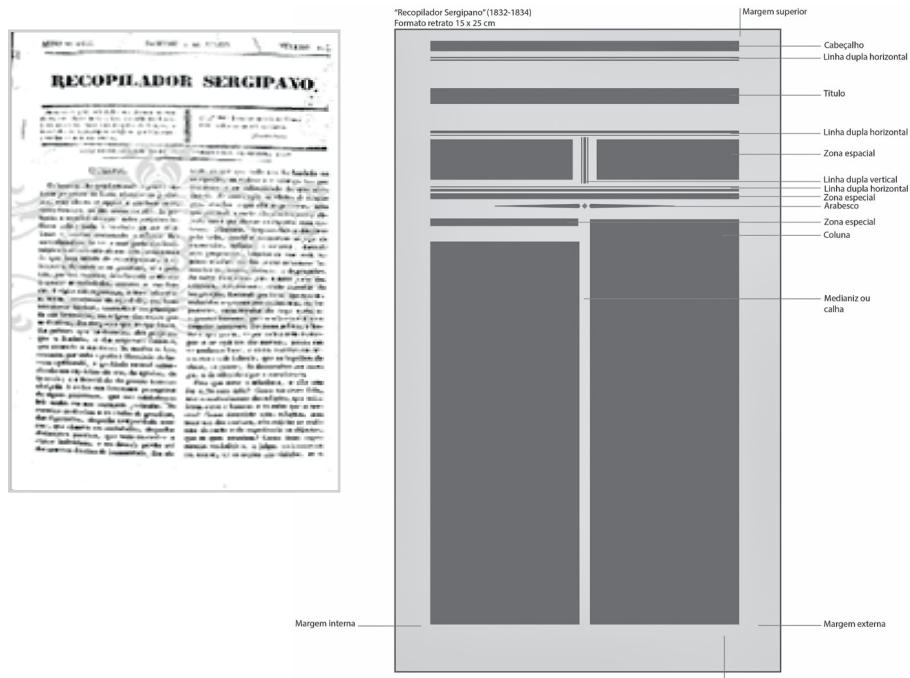
18 A palavra leiaute ou *layout* refere-se ao “[...] arranjo detalhado e preciso de todos os elementos [...]” (FILHO, 2001, p. 358) de uma página.

19 *Grid* é uma malha invisível no produto, que corresponde a uma estrutura composta por linhas verticais e horizontais necessária para organizar o conteúdo de texto e imagem em uma página.

20 A linha, no período dos tipos móveis era chamada de fio. Os fios, elementos aplicados abaixo dos títulos também, podiam ser chamados de bigode; um fio com pouca ornamentação.

21 Salienta-se que na atualidade um periódico é estruturado para apresentar conteúdo para um determinado consumidor. Isso quer dizer que a quantidade de colunas, o uso de elementos pictóricos e as características das tipografias utilizadas deve ter relação direta com o gosto de um público-alvo – são composições gráficas pensadas para agradar e persuadir pessoas, consumidoras.

Figura 2: exemplo da anatomia do periódico de Sergipe Imperial

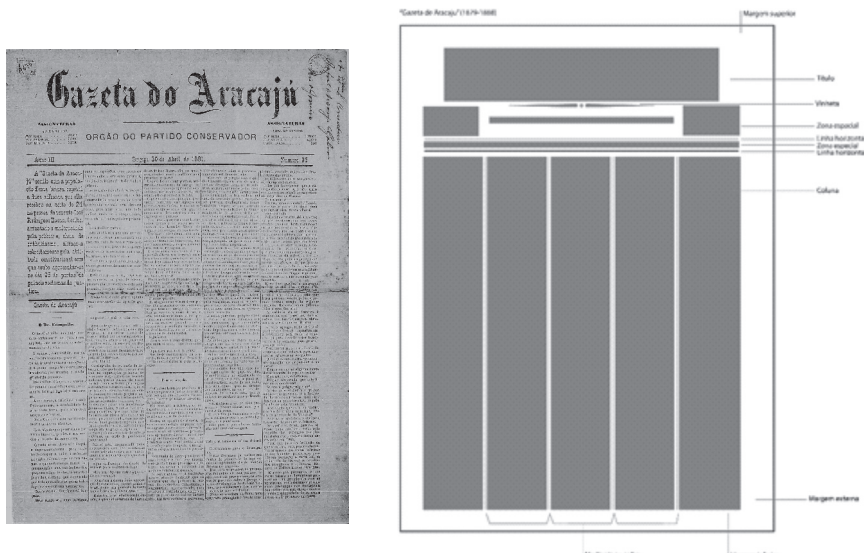


Fonte: desenho elaborado para arquivo de pesquisa

Entre os anos de 1875 e 1899, por quase 25 anos, Aracaju contou com algumas dezenas de tipografias, instaladas no chamado “quadrado” de Pirro, no centro da capital sergipana. A velha Rua da Aurora, atual avenida Rio Branco, abrigava 5 tipografias, onde eram editados 6 jornais, dentre eles, o *Diário Oficial*, criado durante o primeiro Governo do general Oliveira Valadão. A rua São Cristóvão também contava com 5 oficinas tipográficas, sendo uma delas registrada como de propriedade de Antonio da Mota Rabelo, sendo impressor Aristides Soares de Andrade. Em seguida, com 4 tipografias, estavam as ruas Santa Luzia, Pacatuba, Maroim, e a praça José de Faro (atual Travessa José de Faro). As demais tipografias estavam localizadas na rua Japarutuba (hoje João Pessoa), 3; Propriá, Itaporanga, Santo Amaro, Capela, 2; Rio Real, Praça do Palácio (Fausto Cardoso), Praça da Matriz (Olimpio Campos), Laranjeiras e Itabaiana, 1, totalizando 41 tipografias, nas quais eram impressos os jornais, cada um com sua feição gráfica, sua orientação política, seu prestígio. (BARRETO, 2008, n.p).

A fala de Luiz Antônio Barreto reforça a compreensão acerca da relevância da produção de impressos em Sergipe no período. Neste mapeamento, feito por ele, também pode se encontrar na Tipografia da Crença da rua Itaporanga, nº 20, centro da capital Aracaju, a produção do impresso a “Gazeta do Aracaju” (1879-1888) “[...] um jornal conservador e foi durante os últimos tempos da monarquia um dos jornais mais importantes de Sergipe” (PINTO, 2018, p. 14).

Figura 3: “Gazeta do Aracaju” (1879-1889).



Fonte: [http://memoria.bn.br/pdf/810363/per810363\\_1881\\_00096.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/810363/per810363_1881_00096.pdf)

A noção de conservadorismo está estampada na primeira página do jornal “Gazeta de Aracaju”<sup>22</sup>. Dar-se relevo que “[...] embora a princípio se colocasse como noticioso e não agressivo, “A Gazeta do Aracaju” era um periódico ligado ao partido conservador.” (PINTO, 2018, p. 55). Nesse sentido, compreende-se que o título impresso em tipografia gótica – uma fonte desenhada com inspiração na escrita manuscrita feita pelos escribas europeus do século XV e, por isso, emular a caligrafia clássica, é considerada humanista – transmite seriedade e altivez a partir da estrutura gráfica angulosa da letra. O impresso apresenta o conteúdo estruturado em cinco colunas, uma organização em estrutura fora do tempo, já que a quantidade de colunas significa também que o papel utilizado alcançava formatos maiores do que era usual no princípio. O uso de grandes formatos indicava que a casa tipográfica tinha privilégios de recursos. Não há ornamentos expressivos, mas há a presença de vinhetas comedidas para delimitar campos. Outros impressos informacionais da época considerados, inclusive, rivais do “Gazeta de Aracaju”, como o “Jornal de Sergipe” e o “ECHO Liberal”, eram configurados de modo análogo à Gazeta da capital – o leiaute, o grid e a tipografia do título tinham a mesma aparência.

Salienta-se que nesse quantitativo significativo de casas impressoras mapeadas por Luiz Antonio Barreto, fora as que estavam situadas nas cidades do interior – polos econômicos na província, como Estância, La-

22 Era, primeiramente, editado semanalmente. Depois passou a ser publicado bimestral. O seu primeiro número media 26 x 39 cm, com três colunas largas. Já o segundo em diante apresentava cinco colunas e tinha o formato com 27 x 41 cm. (PINTO, 2018, p. 51).

ranjeiras e Maruim –, eram produzidos inúmeros periódicos que, em sua maioria, não tinham vida longa.

Nessa análise gráfica dos jornais produzidos em Sergipe Imperial (de 1832 a 1890) é possível demarcar características de uma anatomia<sup>23</sup> desses impressos. Releva-se que a literatura específica – sobre Design Editorial ou Design de Jornais – indica que a primeira página de um jornal, numa perspectiva recorrente na história da imprensa, deve cumprir com a função de convite à leitura. Nas capas dos jornais sergipanos produzidos no século XIX, o elemento que constrói significação seguramente é o título: a semântica em consonância com o desenho da tipografia, escolhida para a escrita, direciona o sentido, a linguagem e a tipologia de conteúdo.

Figura 3: exemplos de títulos de periódicos informacionais de Sergipe Imperial.



Fonte: Hemeroteca da FBN. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Na primeira coluna – “A Borboleta” e “O Contemporâneo” – o uso de tipos fantasias, letras desenhadas para títulos ou escrita em destaque, está revelando a natureza dos periódicos: literário, recreativo e noticioso; além de mostrar a diversidade em tipografia, que também podia ser compreendido como riqueza da oficina (casa) tipográfica. Salienta-se que toda a produção do século XIX no Brasil é marcada pela tipografia de chumbo, e a quantidade de desenhos de tipos móveis propicia a variedade expressiva na escrita de título e outros textos. Nos casos acima, pode-se interpretar que o desenho das letras do título e subtítulo foge da formalidade tipográfica usual da comunicação séria, vista anteriormente. No periódico “A Borboleta”, por exemplo, o título apresenta um requinte tipográfico para a época visto que, em uma análise morfológica<sup>24</sup> do tipo, pode-se dizer que

23 O termo “anatomia” é oriundo do ramo da medicina, que estuda a forma e a estrutura do corpo humano e das suas partes constituintes. Aqui esse termo está sendo utilizado com o sentido de estrutura composta por partes em um impresso informacional.

24 O termo “análise morfológica” é bastante usual nos estudos em Design quando se pretende avaliar um desenho pelas partes constituintes da sua configuração gráfica.

as terminações ou extremidades arredondadas da letra insinua uma serifa com característica diferenciada. Pode-se dizer que o desenho dessa letra, do tipo toscana<sup>25</sup>, é próximo aos de tipografias encontradas em período mais adiante, especificamente na virada do século XIX para o século XX, marcado pela *Art Nouveau*<sup>26</sup>. Essa letra também foi encontrada nos títulos de outros jornais sergipanos e, por isso, não se pode caracterizar como sendo um logotipo do periódico “A Borboleta”, mesmo que se compreenda que para um periódico sergipano do século XIX é uma expressão de vanguarda. O subtítulo é escrito com um tipo que propõe uma visualidade tridimensional, também bastante moderno para o período e lugar.

No título do jornal “O Contemporâneo” há uma concepção moderna, ou que ultrapassa o uso convencional de desenho de letra, que também é notória – além da própria semântica da palavra que transmite atualidade –, por intermédio do uso de uma fonte condensada que recebe chanfro de 45° nas extremidades e apresenta saliência na parte central. Compreende-se que as tipografias utilizadas nesses impressos são distantes das concepções conservadoras. Deve-se ter em vista que pela particularidade do desenho do tipo, o nome do periódico se consolida em uma visualidade, ou seja: uma característica marcante construída por intermédio do desenho da tipografia utilizada no título.

Na segunda coluna – “O LIBERTADOR” e “A PROVÍNCIA” –, se faz presente a seriedade e simplicidade de tipos de caixa alta, com corpos espessos que possuem altura maior que a largura, de forma a parecerem mais esticados e marcantes. É importante saber que os periódicos da segunda coluna são de caráter mais político e crítico que os da esquerda, e por conta do conteúdo presente neles, os tipos se adéquam à temática abordada. Dessa maneira, o uso da tipografia em “O LIBERTADOR”, por exemplo – considerando que a semântica do nome pode transmitir “aquele que libera” ou que está desobrigado a relacionar-se com tratados conservadores da política no momento –, pode-se compreender que o desenho é firme e condensado, sem serifa e com hastes horizontais de mesma espessura que as hastes comuns – também é considerada uma letra distanciada da métrica caligráfica aplicada à escrita nos manuscritos. Dessa forma, além de ser uma tipografia moderna e de alta legibilidade, a função pragmática do tipo escolhido se faz presente pelo efeito gerado na construção da palavra. Entretanto, o subtítulo “Periodico, Critico e Litterario” foi impresso com a tipografia gótica, gerando peso e inspirando conservadorismo, assim como na escrita do título do “Gazeta de Aracaju”.

25 Considerada uma “fonte monstruosa”, pela designer e pesquisadora norte americana Ellen Lupton, a fonte tipo toscana, assim como outras, são aquelas que colidiam com a tradição caligráfica, sendo assim, “[...] uma abordagem abstrata e desumanizada do desenho de letras.” (LUPTON, 2018, p. 19).

26 O movimento europeu *Art Nouveau* influenciou fortemente a produção das artes aplicadas, consequentemente nos impressos, no Brasil no final do século XIX e início do século XX, inclusive na produção dos desenhos dos tipos de chumbo.



Considera-se que as características gráficas de uma tipografia utilizada nos títulos e nos subtítulos de um impresso informacional aproxima o leitor do periódico ainda mais, visto que a letra é um signo de múltipla articulação, sua dimensão semântica está ligada tanto a seu vínculo com a linguagem verbal quanto à sua relação com a linguagem visual (FARIAS, 2016, p. 49).

Em “A PROVÍNCIA”, os tipos de chumbo escolhidos eram bem comuns na época. O desenho da letra é uma variação moderna da tipografia gótica. A serifa retangular básica dessa letra é uma solução gráfica que sugere a modernização da produção da escrita manual, ainda que seja um desenho que remete o periódico às matrizes ideológicas conservadoras. O Jornal tinha um caráter “Político, Comercial e Agrícola”, estando diretamente ligado com a ideia de autonomia da economia de Sergipe – numa época em que a província estava evoluindo rapidamente com suas lavouras açucareiras e de algodão.

Esses exemplos apresentados foram pinçados de uma pesquisa extensa. Neste estudo já foram catalogados 130 impressos informacionais da Sergipe Imperial, entre 1832 a 1889. Um vasto universo de impressos com conteúdos relacionados às práticas políticas, econômicas, literárias e religiosas. Para a compreensão gráfica é necessário pesquisar a fundo a história do estado. Portanto, sem pretensão de esgotar as possibilidades interpretativas sobre a relação da composição visual de um periódico, os exemplos foram apresentados com intuito de explanar de que modo podem-se analisar as características gráficas de um impresso informacional considerando os aspectos socioculturais de Sergipe.

## *Conclusão*

Salienta-se que, nesta época, no século XIX, a paginação era uma tarefa executada por um tipógrafo e/ou impressor e, por isso, a definição conceitual ou de projeto gráfico desses impressos não era uma prática, assim como se compreende que deva ser na atualidade. Ou seja: havia um padrão visual que se repetia, sendo uma ou duas estruturas gráficas replicadas a todos os jornais do período, mas não necessariamente resultante de uma personalidade ou um conceito pensado.

Atualmente, diante de uma segmentação agressiva de público consumidor, pensar numa personalidade de um impresso compreende-se na interpretação adequada de códigos, por parte do designer, que já estão inseridos no repertório de determinados grupos de pessoas. Desse modo, o leitor, por familiaridade, se conecta com a visualidade proposta, sendo assim, provavelmente, mais fácil de fidelizar o consumidor. Em relação aos periódicos sergipanos catalogados nesse estudo, considerando o momento os que foram produzidos no século XIX, pensa-se que a constância no leiaute tem, principalmente, três motivos: (a) a falta da variação de pú-



blico leitor, já que em meados do século XIX apenas 1/3 da população de Sergipe era alfabetizada; (b) as características da reprodutibilidade técnica existente, associada a um ideário conservador, promoveu a aparência dita séria para a maioria dos periódicos sergipanos no período – uma configuração sem floreios; (c) a ênfase na produção verbal, inclusive porque não havia a formação de profissionais que pudessem exercer a prática de configurar uma página ilustrada, uma característica bastante recorrente nos periódicos oitocentista no Rio de Janeiro/RJ, na segunda metade do século XIX. Porém não se pode negar a existência do ato criativo, já que ao relacionar um desenho de letra ou gravura com um tema ou natureza de conteúdo, tanto o editor quanto o impressor do periódico estão propondo uma página mais cativante para o leitor.



## Referências

- ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *Sergipe Oitocentista nos Estudos de História da Historiografia*. I Seminário Internacional Brasil Século XIX. Disponível em: <https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur/Samuel%20Barros%20de%20Medeiros%20Albuquerque.pdf>. Acessado em: 31 de jan. 2019
- ALVES, Eva Maria Siqueira. *O Atheneu Sergipense: traços de uma história*. Aracaju:ADGRAF Gráfica e Editora, 2005.
- BARRETO, Luiz Antonio. *Personalidades Sergipanas*. Aracaju: Tipografia Editorial, 2007.
- BARRETO, Luiz Antonio. *Tipografias, Editores e Jornais do Século XIX. 2008*. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/tipografias-editores-e-jornais-do-seculo-xix/>. Acessado em: 12 nov. 2019.
- CARDOSO, Rafael (Org). *Impressos no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- COSTA, Ana Márcia Barbosa de Santana. *Civilização, Modernidade e Educação nas Páginas do Jornal A Razão (1898-1923)*. (doutorado) Núcleo de Pós-Graduação em Educação. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017.
- CRUZ e SILVA, Maria Lúcia Marques. *Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroin (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe*. (mestrado) Núcleo de Pós-Graduação em Educação. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2006.
- DAMASCENO, Patricia Lopes. *Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>. Acessado em: 20 de jan. 2020.
- DANTAS, Ibarê Costa. *Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- FARIAS, Priscila Lena. Semiótica e tipografia: apontamentos para um modelo de análise. In: MORAES, Dijon de. *Cadernos de Estudos Avançados em Design: Design e Semiótica*. Barbacena/MG: EDUEMG, 2016. p. 45 – 56.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*: introdução à bibliografia brasileira, a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

FILHO, Sérgio Rossi. *Graphos*: glossário de termos técnicos em comunicação gráfica. São Paulo: Editorial Cone Sul, 2001.

FRANCO, Josevanda Mendonça. *Atheneu "Pedro II"*: memória e restauro. Aracaju: Edise, 2015.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *História de Sergipe, 1575-1855*. Rio de Janeiro: Perseverança, 1891. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221700>. Acessado em: 31 de jan. 2019

LIMA, Gláriston dos Santos. *A cultura material escolar*: desvelando a formatação da Instrução de Primeiras Letras na Província de Sergipe (1834-1858). (Dissertação) São Cristóvão: Programa de Pós-Graduação em Educação; Universidade Federal de Sergipe, 2007.

LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos*: guia para designers, escritores, editores e estudantes. Tradução de André Stolarski. São Paulo: Editora Gustavi Gili, 2018.

MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo Editora UNESP, 2006.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. *História da Tipografia no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo de São Paulo, 1979.

NUNES, Thetis. *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Educação, 1984.

NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial II*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1996.

PINTO, Edilânia dos Santos. *Gazeta do Aracaju (1879-1888)*: história e características de um periódico sergipano oitocentista. (Monografia) São Cristóvão: Departamento de Ciência da Informação; Universidade Federal de Sergipe, 2018.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822*: um breve estudo geral da informação. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

SANTOS, Gilfrancisco. *A biblioteca provincial de Sergipe*. Aracaju: Editora do Diário oficial do Estado de Sergipe – EDISE, 2019.

SEGRASE. *Imprensa Oficial de Sergipe – 123 anos*. 2019. Disponível em: [segrase.se.gov.br/canal/historia-segrase](http://segrase.se.gov.br/canal/historia-segrase). Acessado em: 21 de nov. 2019.

*MOMENTOS do livro no Brasil*. São Paulo: Editora Ática. 1998.

SEBRÃO, SOBRINHO. *Monsenhor Silveira*: o fundador da imprensa de Sergipe. S.l. 1947.

BRAGANÇA, Aníbal. *Rei do livro*: Francisco Alves na História do Livro e da Leitura no Brasil. São Paulo: Lihed/UFF, 2016.

SANTOS, Gilfrancisco. *Imprensa e Artes Gráfica em Sergipe*. No prelo.

